ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

SEÇÃO TEMÁTICA

GEOGRAFIAS NEGRAS



REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 38 (2023)

ANPEGE 30 ANOS

DOI: 10.5418/ra2023.v19i38.15748

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 38 (2023) | e-issn: 1679-768x

REFLEXÕES METODOLÓGICAS SOBRE AS BLACK GEOGRAPHIES NOS ESTADOS UNIDOS

Methodological reflections on Black Geographies in the United States

Reflexiones metodológicas sobre Geografías Negras en Estados Unidos

ADAM BLEDSOE

University of Minnesota Twin Cities, USA

Tradução:

DIOGO MARÇAL CIRQUEIRA

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: O argumento central deste artigo é que o trabalho (não seria melhor usar a discussão?) acerca das "geografias da negritude" e das *Black Geographies* expressa diferentes aspectos das experiências negras e baseia-se em diferentes metodologias para realizar suas abordagens. Concentro-me no trabalho de seis proeminentes geógrafos estadunidenses que se ocupam de questões referentes à negritude e à população negra. Demonstra que todos eles/elas empregam abordagens multimetodológicas e interdisciplinares em seus estudos e que todos, independentemente da ênfase ou do método, trazem para o primeiro plano as experiências das populações negras. Defendo que esta abordagem coletiva e multimetodológica empurra as fronteiras conceituais e amplia o escopo disciplinar da Geografia.

Palavras-chave: Geografias Negras, *Black Studies,* geografias da negritude, metodologias, método

Abstract: This article argues that work on geographies of blackness and Black Geographies emphasizes different aspects of Black experiences and relies on different methodologies in making these emphases. I focus on the work of six prominent geographers who engage with questions of Blackness. I show that they all employ a multi-method, interdisciplinary approach in their scholarship and that all of them, regardless of emphasis or method, foreground the experiences of black populations. I argue that this collective multi-method approach pushes the conceptual boundaries of the wider discipline of Geography.

Keywords: Black Geographies, Black Studies, geographies of blackness, methodologies, methods

Resumen: Este trabajo trata de los argumentos sobre las "geografías de la negritud" y las *Black Geographies* que expresan las distintas experiencias negras, y que están basadas en diferentes metodologías. Me concentro en el trabajo de seis eminentes geógrafos estadounidenses que se ocupan de cuestiones referentes a la negritud y la población negra. Demuestra que todos emplean abordajes multimetodológicos e interdisciplinares en sus investigaciones y que independientes del énfasis o método, traen para un primer plan , las experiencias de las poblaciones negras. Defiendo que este abordaje colectivo y multi-metodológico empuja las fronteras conceptuales y amplía el alcance disciplinar de la Geografía.

Palabras clave: Geografías Negras, Black Studies, geografías de la negritude, metodologías, método

INTRODUÇÃO

Durante séculos o movimento negro tem afirmado a humanidade negra através da análise crítica e da oferta de alternativas à violência da modernidade ocidental. O campo dos *Black Studies* é uma das muitas expressões dessa luta. O campo dos *Black Studies* existe como "uma crítica da civilização ocidental" e põe em xeque as verdades da modernidade eurocentrada (Robinson e Morse, 1999, p. 8). Os *Black Studies* estabelecem-se como uma pluralidade de pontos de vista, vozes e métodos que dão a conhecer a diversidade das experiências negras no mundo e, nesse processo, atuam contra noções do senso comum sobre humanidade e antinegritude. A disciplina do envolvimento da Geografia com os Estudos Negros apresenta oportunidades para se afastar dos laços

disciplinares do imperialismo e da homogeneidade acadêmica (Leeuw and Hunt, 2018; Livingstone, 1993; Pulido, 2002, 2018) e para reconhecer a importância das experiências negras e dos pensadores negros na construção do espaço. De fato, a articulação da Geografia com os Estudos Negros deu origem a várias críticas ao "cânone tradicional da geografia" ao refletir sobre a espacialidade de uma miríade de experiências negras globais (Hawthorne, 2019a, p. 4). Essa articulação tem-se baseado numa abordagem interdisciplinar e multimetodológica.

Este artigo baseia-se no trabalho de seis geógrafos específicos para mostrar como as geografias da negritude e as *Black Geographies*[1] têm ênfases distintas e metodologias variadas, ao mesmo tempo que fazem também no seu cerne uma crítica ao mundo moderno e aos modos hegemônicos de interpretação geográfica. O artigo está dividido em três seções principais. A primeira seção analisa as investigações iniciais da Geografia sobre questões negras nas décadas de 1960 e 1970, dando especial atenção ao trabalho de Harold Rose e Bill Bunge. Defendo que Rose e Bunge empregam um conjunto de métodos, principalmente, quantitativos em seus trabalhos sobre populações negras urbanas nos EUA ao refletirem sobre experiências negras na esteira do Movimento dos Direitos Civis. A segunda seção examina os trabalhos de Bobby Wilson, Clyde Woods e Ruth Gilmore e a sua ênfase coletiva na economia política dos EUA, tal como experimentada pelas populações negras dos EUA durante as mudanças específicas da economia política capitalista. Os três estudiosos empregam uma análise "marxista negra", centrando as experiências das populações negras nas mudanças da política econômica que eles perfilam. A terceira e última seção discute o trabalho de Katherine McKittrick e as suas reflexões ontológicas sobre a (anti-)negritude que provêm de fontes literárias, históricas, artísticas e acadêmicas diaspóricas. Experiências negras e *insights* do Canadá, Estados Unidos, Caraíbas e Europa animam os argumentos de McKittrick sobre a centralidade da antinegritude nas noções modernas de humanidade e espaço e o potencial humano radical encontrado nas vidas negras.

Este artigo sustenta que o trabalho das "geografias da negritude" e as *Black Geographies* enfatizam diferentes aspectos das experiências negras e se fundamentam em diferentes metodologias para abordar essas experiências. Saliento, no entanto, que alguns focos (leituras sobre o racismo antinegro, referências acerca da economia política e a utilização de dados estatísticos) continuam a ser comuns a todos os pensadores aqui discutidos. Mais importante ainda, destaco que as obras coletivas debatidas neste artigo forçam a disciplina da Geografia a levar a sério ou a tomar como referência o campo dos *Black Studies* e as experiências das populações negras, expandindo assim o escopo da investigação geográfica.

Se a metodologia é um ato de coletar dados, algo que permite a realização de uma pesquisa e propicia aprendizados, então os estudiosos envolvidos com as "geografias

1 Utilizo o termo "geografias da negritude" em diferentes pontos do texto para distinguir os estudos geográficos sobre as experiências negras no espaço (geografias da negritude) e práticas e agências negras na análise e na criação ativa de espaços e lugares (*Black Geographies*). Discuto ambas as abordagens neste texto, mas procuro delinear a diferença entre as duas. A minha perspectiva sobre a distinção entre as duas abordagens foi moldada, em parte, através de discussões com Willie Jamaal Wright.

da negritude" e as *Black Geographies* impelem a Geografia a reconhecer os conhecimentos, experiências e práticas das populações negras como dados geográficos importantes (Mckittrick, 2019). Esses estudiosos identificam e ampliam os limites do conhecimento geográfico dominante, recusando-se a limitar-se às fontes tradicionais de informação geográfica. Em vez disso, articulam metodologias geográficas estabelecidas com fontes de conhecimento e experiências que são produzidas por, e comprometidas com pessoas negras que indagam o sentido de humanidade em meio a formas de violência constantemente atualizadas (Hartman, 2016, p. 210, 213). Assim, as diferentes ênfases metodológicas que descrevo abaixo – quantitativas, da economia política e ontológicas – existem para além dos empregos geográficos tradicionais de tais metodologias.

Emergência dos estudos geográficos sobre a população negra durante o Movimento dos Direitos Civis

Os engajamentos geográficos com as questões negras se iniciaram com maior profundidade durante o período das críticas da população negra acerca da sociedade estadunidense no século XX – o Movimento dos Direitos Civis. Uma exigência central durante o Movimento foi o acesso de pessoas negras a espaços eleitorais, de consumo, econômicos, habitacionais e educativos, que anteriormente lhes eram negados. Uma variedade de atores do *Movimento dos Direitos Civis (Civil Rights Moviment)*, desde Martin Luther King a grupos militantes armados, como os *Deacons for Defense*, defenderam a dessegregação como inclusão negra em espaços físicos anteriormente exclusivos em termos raciais (Hill, 2004; King, 1991).

Medidas como o *Voting Rights Act* de 1965 e o *Civil Rights Act* de 1964 emergiram como necessidades para que ocorressem mudanças sociais. Essa legislação, juntamente com a ação direta de negros e negras para a sua aplicação (ver HILL, 2004; UMOJA, 2013), apresentou o potencial para os negros estadunidenses acessarem instituições que anteriormente não lhes eram permitidas. No entanto, as comunidades negras nos EUA permaneceram excluídas, empobrecidas e marginalizadas em comparação com as comunidades brancas, e foi esse fato que impulsionou a investigação inicial da Geografia sobre as experiências vividas por negros e negras. Na sequência do Movimento pelos Direitos Civis, geógrafos começaram a examinar as realidades espaciais negras, bem como algumas das causas potenciais da antinegritude e a forma como as comunidades negras responderam a esses fenômenos.

Análises quantitativas pós Movimento pelos Direitos Civis na América Negra

A partir dos anos 1950-70, as pesquisas geográficas foram influenciadas pela "Revolução Quantitativa". Com base em fontes como os dados dos censos e as iniciativas de planejamento metropolitano, os geógrafos investigaram questões como o uso do solo urbano, a expansão das metrópoles, o arrendamento de terrenos e as transformações

Revista da Anpege | v. 19 nº. 38 (2023) | e-issn: 1679-768x

espaciais nas estruturas comerciais (Adams, 2001; Wheeler, 2001, p. 550; Yeats, 2001). Embora a maioria desse trabalho quantitativo não tratasse explicitamente de questões raciais, um pequeno grupo de estudiosos abordou esse tema.

Utilizando técnicas de modelagem quantitativa, os geógrafos demonstraram que a dessegregação, tal como definida pelos ativistas do Movimento pelos Direitos Civis, não havia ocorrido.[2] Edições especiais nas revistas *Southeastern Geographer* and *Economic Geography*, bem como intervenções individuais em diferentes publicações acadêmicas, abordaram uma variedade de tópicos relacionados à natureza da segregação das habitações negras, as limitadas oportunidades de emprego para indivíduos negros e a falta de mobilidade espacial e as limitadas possibilidades de interação de negros com não negros, entre outros tópicos (Berry, 1979; Berry et al, 1976; Birdsall, 1971; Florin, 1971; Brown, 1972; Davies e Fowler, 1971; Deskins, 1972; Dudas e Longbrake, 1971; Meyer, 1970; Morrill e Donaldson, 1972). Esse conjunto de trabalhos ofereceu um panorama das desigualdades e da falta de oportunidades que continuavam a confrontar as comunidades negras nos Estados Unidos, concentrando-se principalmente nas características da insistente segregação racial na sociedade. Embora não tão controversas como outras pesquisas quantitativas contemporâneas sobre comunidades negras urbanas (ver Geary, 2015; Moynihan, 1965; Thompson *et al.*, 1967), tais abordagens enfatizavam os problemas enfrentados pelas comunidades negras urbanas em contraposição às fontes desses problemas, eventualmente retificando relações espaciais antinegras como norma (Mckittrick e Woods, 2007, p. 6). Os trabalhos de Harold Rose e Bill Bunge apresentaram as primeiras críticas consistentes sobre a antinegritude[3] que ofereceram uma visão sobre as raízes da experiência urbana negra na Geografia.

Harold Rose esteve na vanguarda das primeiras bolsas de estudo sobre as "geografias da negritude", ao investigar as condições em que viviam as populações negras dos Estados Unidos e os fatores que determinaram essas condições. Tomando como referência suas vivências na cidade intensamente segregada de Milwaukee, em Wisconsin, o trabalho de Rose demonstrou que a experiência das populações negras nos Estados Unidos era uma experiência de isolamento, segregação e marginalização. Baseou o seu trabalho em pesquisas quantitativas; base de dados governamentais como o Censo dos Estados Unidos e relatórios de saúde pública; e trabalhos emergentes das ciências sociais sobre a população negra em espaços urbanos, colocando assim a maior parte do seu foco nas condições em que as comunidades negras viviam. Essa síntese de dados quantitativos sobre a vida urbana e as pesquisas emergentes sobre experiências negras no urbano tornou os estudos de Rose sobre as "geografias da negritude" únicos na Geografia dos anos 60 e 70.

---

2 Martin Luther King acabou por chegar à conclusão de que o Movimento pelos Direitos Civis também não havia atingido os seus objetivos. Esse entendimento levou-o a formular uma nova abordagem de luta – a *Poor People's Campaign*. Esse movimento reuniu vários setores da classe trabalhadora e focou na economia dos Estados Unidos como um local central de luta. Era esse movimento que King estava construindo e liderando quando foi assassinado em 1968.

3 Antinegritude pode ser entendido como um conjunto de ações e conceitos que assumem a inumanidade das populações negras.

Para Rose, a expansão dos espaços do gueto no século XX foi o resultado de mudanças demográficas e econômicas nacionais. Com base nas descobertas dos demógrafos da época, Rose definiu uma série de processos que levaram à segregação urbana negra, incluindo a rápida industrialização nacional pós-1920, o crescimento urbano nacional e a emigração negra do Sul dos Estados Unidos (Rose, 1969, p. 3-6). O envolvimento com estudos políticos e urbanos mostrou que as tensões étnicas e raciais acompanharam essas mudanças e conduziram à criação de instituições sociais, econômicas e políticas públicas e privadas concebidas para segregar espacialmente grupos segundo linhas raciais (Rose, 1969, p. 7, 11, 12). Rose sustenta que essas instituições foram o resultado da falta de vontade geral das populações brancas de partilhar o espaço com as populações negras, pois os brancos hostis consideravam os negros ameaçadores, invasores e contagiosos (Rose, 1969, p. 12; 1970, p. 2, 4). O seu trabalho mostrou como a separação das populações negras dos brancos estava enraizada em tendências demográficas e emocionais de longa data, informadas pela recusa dos brancos em partilhar o espaço com as populações negras. Sem escolha própria, os negros permaneciam assim relegados aos guetos urbanos. Essas formações de gueto tiveram efeitos concretos na vida da população negra.

Ao utilizar dados de fontes oficiais do Estado, como o *US Census* (Censo Estadunidense), *US Census of Population and Housing* (Censo da população e habitação dos Estados Unidos), *US Department of Labor* (Departamento do Trabalho dos Estados Unidos) e *Public Health Reports* (Relatórios de Saúde Pública dos Estados Unidos), Rose concluiu que a guetização reduz as oportunidades para negros e negras por falta de capital financeiro (Rose, 1971, p. 16); falta de empresas de propriedade negra e oportunidades de emprego em geral (Rose, 1971, p. 61, 95); habitação de baixa qualidade (Rose, 1969, p. 19-20); e cuidados de saúde precários (Rose, 1971, p. 126). A falta de oportunidades nos guetos negros levou a revoltas – fenômenos que definiram muito bem a percepção pública dos espaços urbanos nos anos seguintes ao Movimento pelos Direitos Civis (Allen, 1990). A análise espacial de Rose sobre motins baseia-se nas conclusões do Centro de Estudos da Violência da Universidade Brandeis (uma bolsa de estudos sociológicos da época) e em organizações da sociedade civil, como a *Urban League* (Liga Urbana). Os motins resultaram numa maior vigilância policial – um fato que significou que os guetos eram intensamente ocupados, contudo, extremamente desamparados (Rose, 1971, p. 96, 100, 131). Esses fatores levaram à criação daquilo a que Rose chamou de “a geografia do desespero”, um fenômeno comum nos territórios urbanos dos Estados Unidos (Rose, 1978, p. 464).

A avaliação de Rose sobre esse “desespero” foi estabelecida não somente por fontes de dados públicos, mas também pelo financiamento de estudos na área de criminologia, saúde pública e epidemiologia. O aumento do consumo de álcool e drogas e as mortes por problemas de saúde e violência interpessoal demarcaram a geografia do desespero, uma vez que esses fatores eram resultados de, e contribuíam para, ambientes de alto risco e de alto estresse (Rose, 1978, p. 458-459, 461, 464). A utilização de dados quantitativos e a investigação de Rose, bem como pesquisas das ciências sociais do período sobre experiências negras urbanas, ofereceram uma visão das realidades

vividas nas comunidades negras, ao mesmo tempo que nomearam o racismo como uma confluência de "costumes nacionais" que tornaram essas realidades possíveis (Rose, 1970, p. 14; 1978, p. 464). Outros geógrafos, que escreveram no mesmo período em que Rose, trataram das tentativas das comunidades negras de defrontar as condições deprimentes em que se encontravam.

Como um dos pioneiros da Revolução Quantitativa, as experiências vividas por Bill Bunge em Detroit, Michigan, levaram-no a colocar métodos quantitativos a serviço das comunidades negras urbanas. O clima político do final dos anos de 1960 e início dos anos 70 em Detroit inspirou Bunge a utilizar a análise quantitativa "com teoria-social crítica e como pesquisa-ação no campo" (Bergmann e Morrill, 2018, p. 296). O trabalho de campo de Bunge em Detroit ocorreu durante a agitação do Movimento pelos Direitos Civis e a ascensão do Movimento Black Power (Bunge, 1974, p. 485), como a frustração das comunidades negras com as promessas não cumpridas de integração manifestadas no ativismo radical de base (ver Davis, 2016; Jackson, 1990; Newton, 2009; Seale, 1991; Ture e Hamilton, 1992).

O trabalho de Bunge em Detroit teve lugar em grande parte no bairro Fitzgerald[4] e foi conduzido através do *Detroit Geographical Expedition and Institute* (DGEI), uma organização ativista-acadêmica criada através da colaboração de Bunge com residentes locais. Mulheres negras ativistas como Gwendolyn Warren e Rene Spears foram tão responsáveis pelo trabalho e abordagem do DGEI como Bunge, pois não só participaram na pesquisa, coleta de dados e publicação dos resultados, como também serviram como arquitetas da abordagem da DGEI, insistindo no trabalho de mobilização sobre questões pertinentes à sua comunidade (Heynen, 2013, p. 747). Ao ser dirigida por ativistas e membros da comunidade como Warren e Spears, a DGEI e Bunge teorizaram sobre as "geografias da negritude" através de fenômenos como a formação de favelas (*slum*) em larga escala tanto em Fitzgerald como nos EUA em geral, uma realidade que Bunge insiste que não foi criada pelas comunidades negras, mas sim imposta a elas através de práticas como as dos empreendimentos imobiliários e de revitalização urbana (Bunge, 2011 [1971], p. 171, 230). Bunge foi mais longe, argumentando que, para além de viver nesses locais marginais, "a automatização [industrial] (…) tornou os negros economicamente desnecessários e permanentemente inúteis, portanto rebeldes, consequentemente uma ameaça à estrutura do poder branco" e, portanto, descartáveis (Bunge, 2011 [1971], p. 119). Todos esses fatores, argumenta Bunge, foram resultados do racismo; uma tendência violenta que ele argumenta ser prática exclusiva de brancos (Bunge, 1974, p. 485). Bunge demonstra, assim, não somente como ocorre a segregação – sob a formação de favelas e a condução de negros para esses espaços –, mas também os mecanismos (racismo, empobrecimento, etc.) que tornam a formação de favelas uma realidade. A investigação local de Bunge sobre essas "geografias da negritude" produziu uma série de representações cartográficas das condições em que ele e a DGEI trabalharam.

4 Fitzgerald é um bairro de Detroit que, entre 1960 e 1970 virou de um bairro quase 100% branco a mais de 75% negro pelo processo de fuga branca (*white flight*) e suburbanização. Esses dois processos ocorriam em grande escala em todo os Estados Unidos e por isso–junto com os vários protestos e rebeliões que aconteceram no bairro–as lições do caso de Fitzgerald são instrutivas para o país inteiro.

O trabalho de Bunge com a DGEI tratou os membros da comunidade de Detroit como "estudantes e professores" que poderiam contribuir ativamente para a criação de conhecimentos geográficos (DGEI Field Notes, 1969, Bunge, p. 4). O seu trabalho contribuiu para a realização de estudos sobre as *Black Geographies*, reconhecendo práticas espaciais estabelecidas pelas populações negras. Por exemplo, o DGEI associou à experiência comunitária dados quantitativos do *Detroit Bureau of Governmental Research* (Departamento de Pesquisa Governamental de Detroit*), Metropolitan Fund* (Fundo Metropolitano)*, Detroit Public Schools* (Escolas Públicas de Detroit)*, The US Census* (Censo Estadunidense), e do trabalho de campo do DGEI para mapear a segregação educacional em Detroit e construir contra-mapeamentos, sugerindo uma distribuição mais justa das escolas públicas de Detroit (DGEI Field Notes, 1970).

A DGEI e os participantes da comunidade mapearam e analisaram ainda "perigos para a saúde, fluxos de rendimentos, fluxos de tráfego, taxas de mortalidade, e outras variáveis que preocupam" os membros da comunidade, criando mapas que demonstravam onde motoristas atropelavam as crianças negras no centro de Detroit; a distinção entre bairros majoritariamente brancos e majoritariamente negros em termos de coleta de lixo, espaços verdes, equipamento recreativo e tempo das crianças com os seus pais; os proprietários de habitações que moravam fora dos bairros negros, e a densidade residencial em toda a cidade (DGEI Field Notes, 1971). Toda essa investigação, embora guiada por Bunge, foi conduzida por moradores negros de Detroit – aqueles "que [haviam] vivido e experimentado estas situações [que estavam sendo estudadas]" e que queriam abordar questões como "morte, fome, dor... e frustração nas crianças" (DGEI Field Notes, 1971, p. 4, 10). O trabalho de Bunge, então, dependia das pessoas de Detroit cujas vidas haviam permanecido precarizadas mesmo após a aprovação das leis referentes aos Direitos Civis e que haviam chamado publicamente a atenção para esse fato através do seu ativismo.[5]

A Geografia dos anos de 1960 e 70 ofereceu um conjunto de estudos quantitativos sobre as "geografias da negritude" e, em menor medida, sobre os *Black Studies*. Ambos os métodos de Rose e Bunge estavam em acordo com a Revolução Quantitativa prevalecente, contudo, as suas abordagens quantitativas acerca das "geografias da negritude" ofereciam um envolvimento sustentado pelas experiências e visões das populações negras nos EUA – algo que outros geógrafos apenas tinham feito de forma *ad hoc*. Além disso, embora fossem trabalhos quantitativos, ambos os estudiosos também trataram de aspectos específicos à sociedade como as causas fundamentais do antinegritude que testemunharam. Tanto Rose como Bunge apontaram fenômenos como o racismo transmitido por gerações e mudanças econômicas, como, por exemplo, a automação industrial, como algumas das causas subjacentes a essa exclusão negra. O trabalho de Bunge também demonstrou um exemplo prévio de investigações sobre as *Black Geographies* à medida que se inspirava e falava sobre a forma como as comunidades negras reagiam à

5 Enquanto que Gwendolyn Warren figura de forma proeminente no texto sobre Fitzgerald, a centralidade de moradores negros de Detroit na coleta de dados realizada pelo DGEI não se encontra explicitamente nas publicações acadêmicas de Bunge sobre Fitzgerald. As notas de campo da DGEI oferecem explicações mais evidentes do trabalho de base na realização das pesquisas.

violência do racismo, retratando assim a agência espacial de sujeitos negros. Trabalhos posteriores, tanto sobre as "geografias da negritude" como das *Black Geographies*, baseavam-se em dados quantitativos, ao mesmo tempo que ofereciam uma análise estrutural dos fatores constituintes da marginalização espacial das populações negras.

A virada qualitativa

Os geógrafos dos anos 60 e 70 haviam utilizado métodos quantitativos para demonstrar a marginalização que as comunidades negras enfrentavam, ao mesmo tempo que ofereciam breves comentários sobre fenômenos como da economia política e do racismo como fatores que condicionaram essa marginalização. A virada qualitativa na Geografia trouxe novos estudos que ofereceram explicações estruturais sobre os fatores sociais, políticos e econômicos que influenciaram na produção do espaço (Kwan e Schwanen, 2009). O trabalho de acadêmicos como David Harvey (2009 [1973]), Neil Smith (2008 [1984]) e Doreen Massey (1995 [1984]), entre outros, empregou análises marxistas da economia política para analisar as forças em jogo na criação dos espaços urbanos do Norte Global. Ainda assim, a raça não figurava de forma proeminente na virada crítica marxista.

Próximo do fim do século XX, geógrafos começaram a articular explicitamente a questão da negritude com uma análise marxista da economia política, juntando-se a um grupo bem estabelecido de estudiosos da diáspora que tinha recorrido a fontes históricas, historiográficas, econômicas, sociológicas e quantitativas para demonstrar a centralidade da raça e da negritude no desenvolvimento do capitalismo global (Cox, 1970 [1948]; Marable, 2015 [1983]; Robinson, 2000 [1983]; Rodney, 1981, 2011 [1972]; Williams, 1994 [1944]). Essa virada, ao buscar a junção da Geografia Crítica Marxista com os *Black Studies*, coincidiu também com novas expressões da antinegritude na sociedade estadunidense. Enquanto os geógrafos dos anos 60 e 70 haviam explorado experiências negras na esteira do Movimento dos Direitos Civis, mais tarde os estudiosos analisaram a população negra na trilha de outros fenômenos que davam forma à antinegritude. Na vanguarda do impulso da Geografia para compreender a intersecção do capitalismo e do racismo antinegro estava Bobby Wilson.

A virada crítico marxista

Nas décadas de 1970 e 1980, o trabalho de Bobby Wilson estava ligado às tendências quantitativas das décadas de 1960 e 1970 sobre as "geografias da negritude" (Wilson, 1977, 1985, 1989). Na década de 1990, contudo, Wilson deixou de examinar a segregação de uma forma estatística para se debruçar, de forma aprofundada, nos mecanismos pelos quais a segregação se constituía e permanecia. Especificamente, Wilson teorizou sobre a produção do espaço face à história do desenvolvimento capitalista no Sul dos EUA, com especial enfoque em Birmingham, Alabama (Wilson, 1995). Do final do século XX ao início do século XXI, Wilson desafiou a geografia marxista para explicar

o papel da raça nos modos de produção capitalistas. Ao fazê-lo, ele não só inovou os estudos geográficos de economia política, mas também recorreu e contribuiu para métodos quantitativos já estabelecidos de análise do racismo, ao mesmo tempo que apresentou algumas importantes considerações ontológicas sobre a centralidade da raça na produção do espaço moderno. A sua metodologia produziu leituras das "geografias da negritude" que oferecem uma imagem detalhada de como o trabalho, a raça e o capitalismo moldam as experiências negras na maior cidade do Alabama desde o período do "Antebellum"[6] até o século XXI.

Wilson cobre cuidadosamente mais de um século de história de Birmingham. Ele mostra como o Capital resolve rotineiramente crises de acumulação e desafios colocados pelo trabalho através da exacerbação das diferenças raciais assumidas entre a classe trabalhadora de Birmingham, criando assim "divisões racializadas do trabalho para aumentar os lucros" (Wilson, 2000a, p. 01). Ele expande as teorias marxistas de exploração do trabalho com essa abordagem, centrando o racismo antinegro no desenvolvimento capitalista, plantando a "carne" da experiência negra de Birmingham nos "ossos" da crítica marxista à economia política (Wilson, 2002, p. 33). Por exemplo, as leituras históricas de Wilson revelam como os plantadores e industrialistas de Birmingham superaram problemas, como a falta de capital de investimento, com a hiperexploração do trabalho negro mal pago e do trabalho de condenados pela lei, bem como a manutenção de trabalhadores negros em posições subordinadas e a intensificação do já existente racismo (Wilson, 1992, p. 184-186; 2000, p. 112-118; p. 137-139). A preservação da exploração baseada na raça estabeleceu as bases tanto para a segregação como para uma estrutura capitalista altamente adaptável.

Wilson complementa a sua inserção da história racializada de Birmingham na análise marxista com dados quantitativos que demonstram os efeitos espaciais do racismo presentes na cidade durante os séculos XIX e XX. Baseando-se em fontes como o Censo dos Estados Unidos e de diferentes instituições municipais, Wilson demonstra como as engrenagens raciais da classe capitalista de Birmingham determinaram os espaços urbanos residenciais e de trabalho. O censo, os dados da cidade e os dados penais ilustram a prevalência de mão de obra negra excedente, o aumento de trabalhadores negros condenados, as determinações legais de segregação e a relegação dos trabalhadores negros de Birmingham para empregos menores ou subempregos, entre outros fenômenos (Wilson, 2000a, p. 107-109, 115-116, 157, 215-216). A utilização desses dados quantitativos ajuda a refletir sobre as experiências da classe operária negra nos séculos XIX e XX de Birmingham, uma vez que demonstra os espaços em que as populações negras foram forçadas a viver e trabalhar em decorrência da economia política prevalecente durante esse período de análise. Além disso, Wilson demonstra como essas experiências de exploração racializada do trabalho evidenciam um exemplo das teorias marxistas da mais-valia, uma vez que o racismo ajudou com eficácia as classes capitalistas na extração de mais-valia da classe trabalhadora de Birmingham.

6 O termo "Antebellum" refere-se ao período na história dos Estados Unidos antes da Guerra Civil (1861-1865).

Wilson também contribui para as *Black Geographies* ao caracterizar mudanças na economia política de Birmingham vividas e impulsionadas pelas comunidades negras. Baseando-se em estudos históricos sobre o Movimento dos Direitos Civis, bem como na literatura sobre o Movimento e experiências negras urbanas dos anos 70, argumenta que, ao confiar na liderança de uma "nova elite negra", a luta pelos direitos civis afastou-se de uma crítica estrutural do capitalismo, pois, ao invés disso, tomou as corporações capitalistas como provedora de bens sociais, políticos, econômicos e jurídicos (Wilson, 2000b, p. 125, 127, 201). Ao romper com uma abordagem baseada na classe, os líderes do Movimento dos Direitos Civis separaram a luta negra da luta mais ampla dos trabalhadores, bem como de formas mais colaborativas de inclusão política. Wilson demonstra como a decisão das comunidades negras de prosseguir em uma luta política baseada na identidade versus classe acabou por significar a preservação do modo de produção capitalista, o que levou a formas de segregação ainda mais profundas e perniciosas após o fim do Movimento dos Direitos Civis.

Enquanto o fordismo e a industrialização precoce foram possíveis, em parte, devido à separação espacial e política dos trabalhadores brancos e negros, o pós-fordismo aprofundou a marginalização negra através da fuga de capitais, automação e desenvolvimento da cibernética (Wilson, 2000b, p. 152, 162). O pós-fordismo teve efeitos que persistem no presente. Wilson recorre a investigações que avaliam os efeitos a longo prazo da legislação dos Direitos Civis para mostrar que o capital global do século XXI conduziu negros a níveis duas vezes superiores de desemprego e de pobreza do que o resto da população nacional e a um ambiente educacional em nível nacional segregado para a maioria dos estudantes negros (Wilson, 2007, p. 97-98). Décadas de pesquisa histórica, regional, marxista e quantitativa sobre "geografias da negritude" em Birmingham permitem a Wilson realizar conclusões significativas sobre raça, classe e capitalismo.

Tomada a raça não como um fenômeno ocasional e nem como um exemplo de falsa consciência, Wilson deixa claro que o capitalismo requer o racismo para a reprodução do modo de produção capitalista (Wilson, 2000a, p. 231-233). Ele sustenta que as análises do materialismo histórico não devem assumir os negros como parte da classe trabalhadora nem equiparar a sua condição à do proletariado (Wilson, 2000a, p. 2). A raça, argumenta ele, possui um estatuto ontológico próprio, o que afeta os domínios econômico, político e ideológico das formações sociais (Wilson, 1992, p. 174). Atribuir à raça um estatuto ontológico foi uma abordagem singular no final do século XX na Geografia Crítica Marxista.

Wilson afirma que as teorias marxistas ortodoxas só vão tão longe ao explicar a história da indústria e do trabalho em Birmingham, e argumenta que, "ao contrário da teoria marxista, o desenvolvimento do capital em grande parte do mundo moderno deixou as práticas racistas em grande parte intactas" (Wilson, 2000a, p. 171, 231). De fato, Wilson acusa Marx, Engels, e os "neo-marxistas" de tratarem teoricamente de forma insuficiente a raça e a centralidade da subalternização negra no desenvolvimento do capitalismo (Wilson, 2000a, p. 231-232). A abordagem metodológica diversificada de Wilson contribuiu para a criação de novos espaços dentro da tendência marxista na Geografia

Crítica. Essa abordagem é um exemplo de marxismo negro geográfico, uma vez que levou a Geografia a reexaminar conceitos tidos como certos em torno da economia política. Ao utilizar o marxismo como referência, juntamente com uma pluralidade de fontes sobre as "geografias de negritude" em Birmingham, Wilson foi capaz de inovar nas abordagens da economia política através da Geografia Crítica ao introduzir o tema do capitalismo racial, ao tempo que enfatiza a importância de se notar as diferenças ontológicas da humana assumidas pelas sociedades. O trabalho de Wilson sugere que o racismo, a segregação, a exclusão e o capitalismo andam de mãos dadas. Outros estudiosos demonstram esse fato em relação a outros locais ao redor dos EUA.

Economias Políticas Regionais (Negras)

Clyde Woods, tal como Wilson, desenvolve um estudo histórico das experiências negras com uma análise da economia política. Ele examina atentamente a natureza persistente do racismo antinegro no Delta do Mississippi ao mesmo tempo que observa as formas como as populações negras compreendem e respondem a essas ações violentas. Sua ênfase nas forças estruturais e nas respostas das coletividades negras a essas forças trouxe contribuições importantes para o estudo das "geografias da negritude" e das *Black Geographies*. Woods identifica o Delta do Mississippi como uma região dominada pela "tradição de desenvolvimento da plantation e neo-plantation na preservação da desigualdade racial e de classe" (Woods, 2017, p. 258). O seu trabalho analisa a história do Delta desde a época pré-colonial até o momento pós-Katrina no início do século XXI. Baseando-se num conjunto de histórias políticas e culturais da região, ele demonstra como o monopólio da terra e dos recursos, bem como a expropriação rotineira das comunidades negras são fenômenos típicos do Delta que moldam as "geografias da negritude'' da região. A noção de Antônio Gramsci do "bloco" hegemônico toma forma na discussão de Woods sobre o *plantation bloc*, um pequeno, poderoso e influente grupo de pessoas no Delta que são capazes de reificar rotineiramente o racismo antinegro e a exploração da classe trabalhadora para garantir ganhos vultosos.

Woods se baseia em documentos da *Cotton Planters' Convention* , *Illinois Central Railroad Company*, *Southern Alluvial Land Association*, *Mississippi Valley Committee, US Census, the US Department of Housing and Urban Development*, dados estatais sobre o bem-estar das crianças e serviços familiares, e – extensivamente – o *Delta Council*.[7] A utilização dessas fontes primárias expõe os discursos e processos pelos quais o *plantation bloc* do Delta concebeu e atuou hegemonicamente em várias instâncias da região ao longo dos últimos séculos (Woods, 1998, 2017). Fontes secundárias como a Geografia Crítica e a literatura da economia política e os jornais regionais *Memphis Commercial Appeal, Arkansas Democrat, Memphis Press Scimitar, Jackson Advocate, Jackson*

7 O *Delta Council* foi uma organização criada em 1935 por *Delta Planters* (agricultores do Delta) na sequência da fundação federal da *Agricultural Adjustment Administration* de 1933 para "coordenar a produção, trabalho e política étnica na região" (woods, 1998, p. 9-10, 124).

Clarion-Ledger, e New Orleans Times-Picayune refletem também o desdobramento das lógicas de *plantation* no Delta.

Com essas fontes, Woods contribui para a literatura sobre "geografias de negritude" demonstrando como tendências espaciais, políticas e econômicas, tais quais a escravização, o desmatamento, os cercamentos, os movimentos populistas antinegros, as medidas de austeridade neoliberal, a indústria extrativista e, em última análise, os efeitos do Furacão Katrina, todas, representam diferentes manifestações das relações das *plantation* e *neo-plantation* no Delta. Ele evidencia como episódios iguais ao Katrina estão longe de ser "naturais", pois são, antes de tudo, resultados da agenda desumanizante do *plantation bloc* (Mckittrick E Woods, 2006, p. 2). Contudo, Woods não se concentra apenas nas artimanhas das elites das *plantations*, uma vez que trata também da agência das comunidades negras para governar suas próprias vidas, o que compreende um aspecto central da abordagem das *Black Geographies* de Woods.

A análise negra e a resistência à violência que enfrentam no Delta emergem através da tradição da *Blues music*, "uma celebração sem desculpas da vida, da resistência, da afirmação espiritual, da comunidade, do social e da humanidade, e dos níveis mais elevados, o "cenáculo" da cultura e da filosofia afro-americana" (Woods, 1998, p. 20). O Blues, como uma expressão espacial multifacetada do ser humano, é um grande modelo e exemplo das *Black Geographies* do Delta. Woods revela as análises inerentes às expressões artísticas dos músicos tradicionais de Blues ao examinar as letras e informações biográficas de lendas como WC Handy, Bessie Smith, Sippie Wallace, Charley Patton, Son House, Bumble Bee Slim, Big Bill Broonzy, Blind Willie Johnson, Memphis Minnie, Jelly Roll Morton, Smiley Lewis, Will Stark, Willie Foster, Early Palmer, entre outros. Ele também examina o trabalho de artistas como Tupac Shakur, Juvenile, Scarface e Master P, como exemplos contemporâneos de epistemologias do Blues e de análises negras das lógicas da *plantation* (Woods, 1998, 2017). As várias manifestações artísticas do Blues atuam como uma espécie de arquivo sonoro das interpretações e ações políticas que condenam a violência do *plantation bloc* e, ao mesmo tempo, oferecem formas alternativas de interpretar e estar no mundo. A par dessas expressões artísticas, Woods recorre a arquivos do *Southern Tenant Farmers Union*, da *Southern Christian Leadership* e *Delta Ministry*, e a entrevistas pessoais que realizou com ativistas e assistentes sociais de Nova Orleans, o que oferece exemplos empíricos da organização política por parte dos sujeitos Blues (*Blues actors*).

Essas fontes primárias são ampliadas pela investigação acadêmica sobre a história do Delta do Mississippi e os escritos e discursos de ativistas negros que moldaram a ética Blues no Delta, tais como Ida B. Wells, James Weldon Johnson, Marcus Garvey, Richard Wright, Martin Luther King e o Partido Pantera Negra para Autodefesa. Essas fontes evidenciam como as epistemologias do Blues tomaram e continuam a tomar forma em ações políticas concretas no Delta. As epistemologias do Blues levaram a movimentos de massas no Delta, tais como a *Reconstruction*; a *United Negro Improvement Association* e o Pan-Africanismo; os esforços institucionais da geração do "*Double V*"; e a "*Second Reconstruction*" do Movimento pelos Direitos Civis e os seus vários ganhos

(Woods, 2017). Esses movimentos políticos encarnaram a epistemologia e a ontologia do Blues como um meio viável de interpretar e estar no mundo, o que não depende estritamente da violência e exploração típicas do bloco de *plantation* (Woods, 2017, p. 35). A luta entre as epistemologias de *plantation* e do Blues é a dialética que impulsionou as diferentes transições políticas, econômicas e sociais no Delta ao longo de gerações, uma vez que os praticantes do Blues desafiaram incessantemente a hegemonia do bloco de *plantation*, levando à constante criação e recriação de relações e arranjos espaciais.

O trabalho de Woods, então, é um mergulho profundo no Delta do Mississippi e a luta de gerações entre o bloco de *plantation* capitalista e as comunidades negras e operárias, que lutaram para criar uma sociedade mais igualitária. A sua história arrebatadora do presente baseia-se em fontes acadêmicas, entrevistas pessoais, arquivos, dados do censo, dados e relatórios estatais, arquivos de organizações da sociedade civil, artigos de jornais, literatura ativista e expressões artísticas, entre outros, demonstrando a sua capacidade de empregar uma vasta gama de dados quantitativos, qualitativos e empíricos para pintar um quadro detalhado e matizado do Delta e das lutas em curso na região. Ao articular conhecimentos, experiências e práticas espaciais negras às teorias gramscianas e marxistas, a sua análise das economias políticas da *plantation* e das geografias do Blues atende tanto às "geografias da negritude" como das *Black Geographies*. Além disso, reconhece as apostas onto-epistemológicas do Blues como um modo de análise e uma proposta que oferece formas mais justas de viver no mundo. A abordagem regional multimetodológica para compreender o racismo antinegro inerente à economia política capitalista aplica-se também a locais fora do Sul dos Estados Unidos.

No final do século XX, Ruth Gilmore evidencia as formas como o encarceramento populacional veio a dominar a paisagem da Califórnia como resposta às crises econômicas e políticas, bem como o foco na negritude e nas experiências negras pelas ações que levaram ao encarceramento em massa e as respostas a esse encarceramento.

Os anos 60 e 70 assistiram a uma série de revoltas urbanas e à emergência do Poder Negro *(Black Power)* como manifestações de descontentamento negro com o desemprego crônico e subemprego característico dos espaços urbanos norte-americanos pós Segunda Guerra Mundial (Gilmore, 2007, p. 36-39). Para além dessa agitação e das formas radicais de organização política, Gilmore demonstra como o conceito de Marx sobre a revolta fiscal (*tax revolt*)[8] ocorreu entre a classe capitalista da Califórnia. Essa revolta contribuiu com a retirada de ajuda estatal pelo governo, levando a uma diminuição significativa das despesas em políticas sociais em nível estatal e ao aumento da pobreza das comunidades negras e latinas. As elites políticas e os principais meios de comunicação representaram essas comunidades empobrecidas como grupos que não "merecem" a ajuda pública, levando consequentemente à elaboração de políticas como as de "lei e ordem" dos presidentes Richard Nixon e Ronald Reagan (Gilmore, 2007, p. 39-40, 57). Tal como os autores acima mencionados, Gilmore emprega dados quantitativos para espacializar esses fatos históricos. Dados do *California State Controller, Department*

8 A revolta fiscal foi o movimento (neste caso, por parte da classe burguesa) para diminuir, limitar ou revogar o pagamento de impostos.

of Finance, and Department of Corrections refletem o declínio estatístico dos empregos na indústria após o fim da Segunda Guerra Mundial e o aumento dos rendimentos dos proprietários, o que tornou possível e continuou após a revolta fiscal (Gilmore, 2007, p. 51, 59). A confluência de uma pobreza real, de uma abjeção imaginária e a ênfase na punição e isolamento das comunidades negras da Califórnia prepararam o terreno para o encarceramento a uma escala nunca antes vista no mundo.

A localidade das prisões foi definida a partir dos excedentes de terra, capital financeiro e capacidade do Estado. Essas três formas de excedentes, juntamente com a identificação das comunidades negras como um problema a se resolver, apresentavam as condições perfeitas para o encarceramento. Gilmore recorre a um rico manancial de fontes para explicar esses excedentes em interação, citando geógrafos marxistas e análises do sistema-mundo; dados do *California Department of Finance*, do *California State Public Works Board*, e do *California Department of Corrections;* utiliza uma literatura acadêmica e orientada para as políticas sobre as mudanças econômicas, agrícolas e políticas do século XX na Califórnia; textos jornalísticos sobre as tendências políticas econômicas nacionais; e uma literatura acadêmica descrevendo os efeitos racializados dessas mudanças. Utilizando recursos variados, ela demonstra como os investimentos de capital financeiro construíram essencialmente prisões em terras agrícolas de outro modo desocupadas na Califórnia, enquanto as forças policiais estatais trabalharam para aprisionar populações "excedentes" de negros e latinos (Gilmore, 2007, p. 58-84).

Gilmore evidencia a eficácia da teoria de Marx sobre a necessidade do capital de manter um exército de trabalho de reserva, utilizando relatórios estaduais e federais da Califórnia sobre encarceramento, pesquisas sobre a prática da vigilância e uma bibliografia da indústria da justiça criminal sobre a emergência de leis penais para demonstrar como populações racializadas — desproporcionalmente populações negras — foram transformadas em "excedentes" pelo capital e, subsequentemente, foram vigiadas e encarceradas (Gilmore, 2007, p. 108, 113). Na sua explicação sobre o hiperencarceramento do final do século XX, Gilmore contribui para interpretações sobre "geografias da negritude", ao evidenciar como vários fatores na Califórnia, nos Estados Unidos e a economia política global levaram à criminalização e à prisão desproporcional de californianos negros. As *Black Geographies* também figuram na sua análise, uma vez que a abordagem política de grupos como os Panteras Negras serviu como justificativa para o encarceramento, ao mesmo tempo, grupos influenciados por suas praxes espaciais estão atualmente na vanguarda do ativismo antiprisão.

Gilmore salienta apropriadamente que uma série de articulações em toda a Califórnia lutou contra o encarceramento e os seus efeitos negativos. Ela destaca especificamente o trabalho de *Mothers Reclaiming Our Children (Mothers ROC)* — uma organização sediada em Los Angeles com a qual trabalhou diretamente. Gilmore baseia-se na sua experiência com a organização, na bibliografia crítica sobre estudos raciais, em estudos sobre gênero e feminismo negro, em trabalhos sobre as intersecções de gênero e economia política e na literatura acadêmica sobre história negra ao refletir sobre o significado do *Mothers ROC*. A organização se baseia em gerações de mulheres negras comunitárias e

suas visões políticas radicais sobre o ser mãe para cultivar noções alternativas de ser e estar no mundo. Por exemplo, membros da família que lamentam o assassinato policial de um ente querido ajudam a solidificar uma "identidade de propósito" *(identity of purpose*) que enxerga no Estado um objeto a se resistir, enquanto as reuniões de oração comunitária estabelecem um *ethos* que proclama a posse sobre os filhos individuais, bem como sobre os da comunidade em geral, afirmando assim a humanidade dos membros da comunidade (Gilmore, 2007, p. 202, 221-222).

As apostas dessa afirmação de humanidade são ainda mais evidentes à medida que Gilmore narra cenas de exegese comunitária, onde os membros do grupo *Mothers ROC* desenvolvem coletivamente uma teoria sobre a violência estatal e o valor diferencial que o Estado atribui aos grupos (Gilmore, 2007, p. 224-227). Essas diferentes ações coletivas baseiam-se nas experiências das mulheres negras, uma vez que elas sentem mais intensamente os efeitos da violência legal e estabelecem técnicas de maternagem social frente ao terror racial (Gilmore, 2007, p. 236-237). Assim, as *Black Geographies* desempenham um papel importante no combate aos efeitos do encarceramento, uma vez que as análises e relações criadas pelas mulheres negras que lutam pela abolição prisional informam a abordagem adotada por grupos como o *Mothers ROC.*

Embora reconheça a realidade do encarceramento para além das fronteiras raciais, a negritude continua a ser crucial para a análise de Gilmore sobre o sistema de encarceramento em massa da Califórnia. O aumento do encarceramento na Califórnia ocorreu em parte através da reificação da desumanização negra e os seus efeitos, que impactam de forma intensa as comunidades negras. No entanto, esses processos encontram resistência nas comunidades negras e em movimentos como o *Mothers ROC,* que adotam práticas negras de maternagem social e tomam como certa a humanidade das populações desumanizadas na sociedade. A abordagem de Gilmore envolve uma análise política e econômica da Califórnia, apoiando-se em dados quantitativos para reforçar as suas afirmações, ao mesmo tempo que oferece reflexões ontológicas sobre os sentidos de humanidade que atravessam o sistema prisional e propõe a abolição das prisões através da sua participação direta no ativismo.

Nas obras coletivas de Wilson, Woods, e Gilmore, vemos uma variedade de métodos que contribuem para compreender como a economia política capitalista se molda através de várias formas da antinegritude. O trabalho desses três estudiosos evidencia como o capitalismo nos EUA depende do isolamento, discriminação, segregação e opressão das populações negras. Os projetos individuais desses autores baseiam-se em análises bem detalhadas do lugar, pois demonstram como os princípios gerais do capitalismo se enraízam nas cidades (Birmingham), regiões (o Delta do Mississippi) e Estados (Califórnia). Os três autores fundamentam-se e compõem as reflexões em torno do marxismo e da economia política a partir da Geografia Crítica. No entanto, eles são singulares na medida em que centram suas discussões nas populações negras como agentes e atores no interior do desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos e em nível global. Wilson, Woods e Gilmore expandem assim as investigações geográficas sobre economia política, evidenciando a importância de um fenômeno (a negritude)

Revista da Anpege | v. 19 nº. 38 (2023) | e-issn: 1679-768x

e das populações (negras) que, de outra forma, não são abordadas em profundidade na Geografia Crítica Marxista tradicional.

Ao revelar as ligações íntimas entre capitalismo e racismo antinegro, esses estudiosos também empregam dados quantitativos para representar as realidades estatísticas que os negros têm enfrentado à medida que o capitalismo evolui. Dessa forma, a virada crítica dos geógrafos que estudam a negritude continua a basear-se no trabalho quantitativo — como os estudiosos anteriores se baseavam — para explicar as estruturas políticas e econômicas que afetam as comunidades negras, bem como os resultados concretos dessas estruturas. Além disso, Woods (2017), Gilmore (2002), e Wilson (2000a) admitem que, embora as populações negras permaneçam inquestionavelmente ligadas às mudanças capitalistas, essas mesmas populações continuam a ser afetadas por lógicas que existem para além das questões de classe e da economia. Em outras palavras, todos eles sugerem que a raça tem uma componente ontológica. Essa questão da ontologia é interrogada no trabalho de Katherine McKittrick.

REFLEXÕES ONTOLÓGICAS

O trabalho de Katherine McKittrick recorre a uma variedade de vozes diaspóricas para descobrir como, no cerne das noções dominantes e modernas de espaço, se encontram as geografias estruturadas em processos de desempoderamento e despossessão humana, que são, no entanto, também oportunidades para a constituição de novas formas de ser humano. A abordagem de McKittrick demonstra como a violência racial dá forma espacial à desumanização, tornando várias maneiras de pertencimento espacial conceptualmente inviáveis aos negros dentro das paisagens dominantes (Mckittrick, 2006, p. 3). No entanto, as populações negras encontram formas de criar vida nas fendas do poder. O trabalho de McKittrick baseia-se em episódios históricos, arquivos do período da pré-emancipação da escravidão, obras de ficção, pesquisa em ciências sociais, música, poesia e realidades contemporâneas para mostrar como, no presente, as *Black Geographies*, muitas vezes vistas como “vazias de vida” e, portanto, como “terra de ninguém”, oferecem inúmeros exemplos de luta pela vida (Mckittrick, 2013, p. 7).

Na sua exploração sobre antinegritude inerente às práticas espaciais modernas, McKittrick recorre a catástrofes históricas, como a do navio negreiro *Zong*, no qual a tripulação de marinheiros assassinou mais de uma centena de escravizados para embolsar o seguro e encurtar o tempo no mar. Ao refletir sobre esse assassinato em massa, McKittrick comenta que “não se pode deixar de pensar nestas mortes deliberadas ao lado de toda uma série de mortes contemporâneas prematuras e evitáveis que continuam a constituir um sistema fechado — mortes que são demasiadas para listar e demasiadas para lamentar (mineiros alvejados, capuzes, matar jovens negros para trazer silêncio à música negra, executar os desarmados e mais)” (Mckittrick, 2015, p. 11). Ligando eventos históricos à violência negra atual, como os assassinatos de Trayvon Martin e Jordan Davis — aos quais McKittrick obviamente alude —, evoca em seu mapeamento os fios ontológicos que ligam o passado e o presente.

Para além dos acontecimentos históricos, McKittrick utiliza fontes literárias para a compreensão das experiências negras. De fato, a sua discussão sobre o Zong baseia-se na poesia da poeta canadense NourbeSe Philip, cujo poema sobre esse massacre marítimo oferece uma reflexão crítica e criativa sobre "a violência negra, a fim de demonstrar as formas como a escravatura transatlântica prefigura os nossos problemas planetários contemporâneos e um sistema biocêntrico fechado que prospera no terror racial" (Mckittrick, 2016, p. 15). Obras de ficção, como *The Tempest,* de William Shakespeare, fornecem a base para a teorização de McKittrick da associação de populações negras com espaços "inabitados" (Mckittrick, 2013, p. 6). A sua combinação de fontes historiográficas e artísticas ajuda a traçar as diferentes mutações da antinegritude através de fenômenos como a *plantation*.

A *plantation,* como uma geografia da violência antinegra e, ao mesmo tempo, o ponto de origem das humanidades emergentes, é um ponto alto da obra de McKittrick. Para refletir sobre o significado das *plantation*, ela examina o papel dessa formação socioespacial no desdobramento da história mundial. Voltando ao trabalho do economista caribenho George Beckford, McKittrick argumenta que a escravatura transatlântica e as *plantations* sustentaram a economia global moderna e tiveram ramificações econômicas e ontológicas que sobreviveram para além do momento da emancipação escrava (Mckittrick, 2013, p. 3). McKittrick insiste que as mesmas lógicas que sustentaram a criação da *plantation* durante o comércio escravagista informam as práticas atuais de decadência, encarceramento, poluição, gentrificação, a fuga branca (*white flight*), perseguição racial, brutalidade policial e "urbicídio" (Mckittrick, 2011, p. 951-952). Ela liga, assim, considerações históricas e teóricas sobre as *plantations* com os trabalhos sobre as experiências negras na atualidade, observando que devemos "não confundir tempo e espaço, mas sim notar como o Zong avança no tempo e fica implicado num repetitivo sistema circular fechado" (Mckittrick, 2016, p. 11). A abordagem rica e trans-histórica de McKittrick às "geografias da negritude" baseia-se em uma variedade de fontes para mostrar como a negritude, como um fenômeno ontológico, tem desempenhado um papel na constituição do espaço durante séculos, embora de formas variadas. No entanto, McKittrick também insiste que, como geógrafos, "em vez de simplesmente repreender analiticamente a violência", nós temos que "decifrar os novos e inesperados — e indisciplinados e não aceitos — modos de ser humano" (Mckittrick, 2014, p. 18, 2017, p. 98-99). As suas reflexões sobre o potencial negro para a realização de novos humanismos recorrem a várias fontes.

McKittrick contribui para as discussões sobre as *Black Geographies*, reconhecendo as muitas formas de resistência e inventividade humana presentes nas práticas negras diaspóricas, como a crioulização, o Blues, o quilombismo (*marronage*) e a revolução. Ela recorre a estudiosos e artistas negros do Canadá, Estados Unidos, Caribe e Europa, tais como Clyde Woods, Kamau Braithwaite, Edouard Glissant, CLR James, Michaeline Crichlow, Paul Gilroy, Ntozake Change, Sylvia Wynter e Stuart Hall. Esses pensadores diaspóricos expressam as suas análises através de abordagens tão diversas como poesia, teatro, histórico, críticas da economia política e filosofia. Para além desses indivíduos, o trabalho de arquivo de McKittrick chama a atenção para formas cotidianas de

resistência através de leituras da agência de mulheres negras no tablado de leilões de escravizados, ao mesmo tempo que articula narrativas de escravizados como registros do conhecimento e sacrifício necessários para alcançar a liberdade (Mckittrick, 2006). McKittrick também leva a música a sério como expressão e forma de análise.

Ela recorre ao trabalho de Sylvia Wynter para argumentar que os processos de (re) invenção humana que tiveram lugar entre populações negras escravizadas em *plantation* "foram, em grande parte, invenções musicais que, nas suas formas de onda e enunciados líricos, expressaram novas formas do que significa ser humano" (Mckittrick, 2016, p. 81). Na leitura de McKittrick de Wynter, a música negra, como "reggae, blues e jazz", existe a par de "marronages, motins, funerais, carnavais, dramas, artes visuais, ficções, poemas, lutas, danças,... [e] revoltas" como "um ato revolucionário que mantém o tempo herético (não mercantil), nega o não-ser do negro ao honrar e registrar a vida negra, repreende e interrompe temporalidades lineares, e é expresso no meio de um sistema de conhecimento violento e estigmatizante" (Mckittrick, 2016, p. 88). McKittrick cita letras de Stevie Wonder, Erykah Badu, Nina Simone, e Kanye West como exemplos de invenção musical negra que diagnosticam a antinegritude, ao mesmo tempo que evidenciam as formas criativas de expressão e de fuga que os negros empregam.

O trabalho de McKittrick oferece reflexões profundas sobre os desafios ontológicos da (anti-) negritude no mundo moderno, ao mostrar como a antinegritude é uma condição essencial para as práticas espaciais modernas e noções de ser, enquanto a criatividade negra é a chave para novas formas de humanismo. Essa abordagem contribui para as "geografias da negritude" ao reconhecer as realidades da antinegritude na modelação das experiências vividas das populações negras em nível global. No entanto, McKittrick não se concentra apenas na opressão da anti-negritude. Envolve as *Black Geographies* para enfatizar as formas passadas e presentes em que as comunidades e indivíduos negros imaginaram e estabeleceram concretamente alternativas à antinegritude, ao mesmo tempo que toca nos potenciais futuros que as *Black Geographies* implicam. O seu trabalho se sobrepõe aos estudiosos acima mencionados. As suas discussões sobre os efeitos políticos e econômicos da *plantation* repercutem no trabalho sobre a centralidade do racismo e da antinegritude no desenvolvimento capitalista. A abordagem ontológica de McKittrick é distinta, mas certamente relacionada com a de Wilson, Woods e Gilmore. O seu trabalho oferece explicações expansivas sobre o papel da (anti)negritude na época moderna, ao mesmo tempo que envolve também a forma como as populações negras concebem e criam espaços, expandindo assim as reflexões dos outros estudiosos aqui analisados.

CONCLUSÃO

O engajamento dos geógrafos com a questão da negritude e as experiências negras tem-se baseado numa vasta gama de fontes e abordagens metodológicas. As artes e humanidades, dados públicos, ativismo, entrevistas pessoais, teoria marxista e estudos históricos e historiográficos, dentre outras fontes, desempenharam um papel no trabalho

dos autores mencionados neste artigo. As ênfases dos estudiosos aqui apresentadas são distintas: as representações quantitativas das perspectivas negras urbanas; as lutas negras como ilustrativas e como um elemento que propiciou a revisão das críticas marxistas à economia política; e as reflexões diaspóricas sobre as apostas ontológicas da (anti)negritude compreendem as principais ênfases de Rose e Bunge; Wilson, Woods, e Gilmore; e McKittrick, respectivamente. Embora esses estudiosos sublinhem diferentes aspectos das experiências negras, os seus estudos das "geografias da negritude" contribuem para uma crítica dos *Black Studies* à Civilização Ocidental e evidenciam a possibilidade de outras formas de ser. Além disso, a crítica da Civilização Ocidental é, em grande medida, uma crítica à manifestação da antinegritude que cada autor testemunhou no momento em que realizou seus estudos. Para além desta semelhança, as áreas de investigação desses estudiosos possuem também sobreposições.

Rose e Bunge não são os únicos a recorrer a dados primários quantitativos, já que a maioria dos outros estudiosos mencionados no artigo recorre a dados de fontes como o censo, arquivos de instituições federais e estatais e organizações de saúde pública para ilustrar os seus pontos de vista. Wilson, Woods e Gilmore oferecem o mais completo questionamento da economia política capitalista face às populações negras, mas todos os outros discutem também questões econômico-políticas, tais como emprego, habitação, automação industrial, especulação imobiliária, revitalização urbana e encarceramento. Finalmente, McKittrick proporciona uma reflexão mais profunda sobre (anti)negritude e ontologia, no entanto, todos os autores perfilados reconhecem a natureza determinante do antinegritude e do racismo nas formações espaciais modernas que criticam. Alguns também apontam as possibilidades ontológicas das lutas negras contra a antinegritude. Assim, apesar das diferentes ênfases, os autores partilham de alguma semelhança na abordagem. Evidenciam uma sobreposição ainda maior na crítica sobre a modernidade e na sua capacidade de fazer avançar a investigação geográfica para além das barreiras disciplinares tradicionais.

Todos os autores aqui mencionados em detalhe empregam uma abordagem multi-metodológica para impulsionar uma abordagem dos *Black Studies* na Geografia, apontando a antinegritude das formas predominantes no espaço moderno, questionando as deficiências gerais e disciplinares da Geografia, e explorando, de diferentes maneiras, como um mundo mais justo pode ser erigido. Quase todos os autores aqui descritos abordam as *Black Geographies* como as práticas espaciais das populações negras e como essas procuram criar formas de existência não condicionadas à antinegritude. Ao fazer isso, os autores exigem uma ação mais radical no fazer do trabalho geográfico. As suas metodologias evidenciam como a investigação geográfica dominante gera "uma espécie de cegueira intencional" acerca das experiências históricas e contemporâneas da população negra (Morgan, 2016, p. 188), insistindo ao mesmo tempo que, apesar dessa cegueira, as comunidades e sujeitos negros existem como seres humanos conscientes e capazes de conformar práticas espaciais mais justas. Com essa metodologia expansiva, esses estudiosos apontam não só para os pontos cegos de tendências disciplinares como a Revolução Quantitativa e a Geografia Crítica Marxista, mas também criticam amplamente a Civilização Ocidental de onde essas tendências nasceram, colocando a necessidade e a possibilidade de uma

Geografia mais humana. Essas abordagens variadas deram origem a gerações posteriores de trabalhos geográficos sobre a população negra.

O trabalho emergente sobre as "geografias da negritude" e as *Black Geographies* tem mantido a natureza multimetodológica e interdisciplinar dos seus antecessores. Geógrafos que se ocupam de estudos sobre a população negra conduzem pesquisas em todo o mundo, lidando com questões e diferentes formas de manifestação da (anti) negritude na América Latina, Europa e Caribe (Berman, 2019; Bledsoe, 2019; Bressey, 2009; Goffe, 2017, Mollett, 2011; Hawthorne, 2019b). Outros procuram explicitamente debater os problemas da (anti)negritude e da economia política através das questões ambientais (Pulido, 2016; Vasudevan, 2019; Williams, 2018; Wright, 2018). Outros ainda forjam novas histórias geográficas do presente, refletindo sobre como as histórias negras pouco estudadas têm desempenhado um papel central na criação do mundo atual (Bledsoe, 2017; Mccutcheon, 2019; Mech'e, 2020; Winston, 2019; Wright, 2020). Todos esses trabalhos empregam uma variedade de perspectivas e métodos, recorrendo (entre outras coisas) a fontes de arquivo, entrevistas pessoais e grupos focais, histórias nacionais, regionais e urbanas e à ecologia política. Esse corpo diversificado de estudos demonstra como podem ser variadas as abordagens geográficas sobre a negritude. No entanto, o que deve permanecer no centro dos estudos emergentes é o que tem impulsionado as "geografias da negritude" e as *Black Geographies* até agora: o compromisso de criticar as noções enclausurantes de ser e as formações espaciais inerentes à civilização ocidental através da centralidade das experiências negras e de suas formas de estar no mundo. É esta ética da luta negra que deu origem aos *Black Studies* e é esta ética que deve continuar a animar o compromisso da Geografia com as populações negras.

REFERÊNCIAS

ADAMS, J. The quantitative revolution in urban geography. **Urban Geography,** 22, n. 6, 2001, p. 530-539.

ALLEN, R. **Black Awakening in Capitalist America**: An Analytic History. Trenton, NJ: Africa World Press. 1990

BARNES, T. and HEYNEN, N. WILLIAM, W. BUNGE (1971). Fitzgerald: Geography of a Revolution. Cambridge, MA: Schenkman Publishing Co. In: **Progress in Human Geography,** 35, n. 5, 2011, p. 712-715.

BERGMANN, L. and MORRILL, R. (2018) William Wheeler Bunge: radical geographer (1928-2013). **Annals of the American Association of Geographers,** 108, n. 1, p. 291-300.

BERMAN, E. El 'fracaso ruinoso' de la reforma agraria en clave de negridad: comunidades afrocampesinas y reconocimiento liberal en Montes de Maria, Colombia. In: **Memorias,** n. 37, 2019, p. 117-149.

BERRY, B. **The Open Housing Question**: Race and Housing in Chicago, 1966-1976. Cambridge: Ballinger, 1979.

BERRY B, Goodwin C, LAKE R, *et al.* Attitudes toward integration: the role of status in community response to social change. In: Schwartz B (ed.) **The Progress in Human Geography** XX, n. X, Changing Face of the Suburbs. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1976, p. 221-264.

BIRDSALL, S. Introduction to research on Black America: prospects and preview. **Southeastern Geographer,** 11, n. 2, 1971, p. 85-89.

BLEDSOE, A. Marronage as a past and present geography in the Americas. **Southeastern Geographer,** 57, n. 1, 2017, p. 30-50.

BLEDSOE, A. Afro-Brazilian resistance to extractivism in the Bay of Aratu. **Annals of the American Association of Geographers,** 109, n. 2, 2019, p. 492-501.

BRESSEY, C. Cultural archaeology and historical geographies of the black presence in rural England. **Journal of Rural Studies,** 25, n. 4, 2009, p. 386-395.

BROWN, W. Access to housing: the role of the real estate industry. **Economic Geography,** 48, n.1, 1972, p. 66-78.

BUNGE, W. Fitzgerald from a distance. **Annals of the Association of American Geographers,** 64, n. 3, 1974, p. 485-488.

BUNGE, W. [1971] **Fitzgerald**: Geography of a Revolution. Athens, GA: University of Georgia Press. 2011.

COX, O. Caste, **Class and Race**: A Study in Social Dynamics. New York, NY: Modern Reader Paperbacks.1970.

DAVIES, S. and FOWLER G. The disadvantaged black female household head: migrants to Indianapolis. **Southeastern Geographer,** 11, n. 2, 1971, p. 113-120.

DAVIS, A. **If They Come in the Morning**. New York, NY: Verso, 2016.

DESKINS, D. Race, residence, and workplace in Detroit, 1880 to 1965. **Economic Geography,** 48, n. 1, 1972, p. 79-94.

DUDAS, J. and LONGBRAKE D. Problems and future directions of residential integration: the local application of federally funded programs in Dade County, Florida. **Southeastern Geographer,** 11, n. 2, 1971, p. 157-168.

FLORIN, J. The diffusion of the decision to integrate: southern school desegregation, 1954-1964. **Southeast ern Geographer,** 11, n. 2, 1971, p. 139-144.

GEARY, D. **Beyond Civil Rights**: The Moynihan Report and Its Legacy. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2015.

GILMORE, R. Fatal couplings of power and difference: notes on racism and geography. In: **The Professional Geographer,** 54, n. 1, 2002, p. 15-24.

GILMORE, R. **Golden Gulag**: Prisons, Surplus, Crisis, and Opposition in Globalizing California. Berkeley, CA: University of California Press, 2007.

GOFFE, R. **Capture and abandon**: social reproduction and informal land tenure in Jamaica. PhD Thesis, City University of New York, New York City, 2017.

HARTMAN, S. The dead book revisited. History of the Present: **A Journal of Critical History,** 6, n. 2, 2016, p. 208-215.

HARVEY, D. **Social Justice and the City**. Athens, GA: University of Georgia Press, 2009.

HAWTHORNE, C. Black matters are spatial matters: Black Geographies for the twenty-first century. **Geography Compass,** 13, n. 11, 2019a, p. 1-13.

HAWTHORNE, C. Making Italy: Afro-Italian entrepreneurs and the racial boundaries of citizenship. In: **Social & Cultural Geography**, 2019b, p. 1-21.

HEYNEN, N. Marginalia of a revolution: naming popular ethnography through William W. Bunge's. Fitzgerald. In: **Social & Cultural Geography,** 14, n. 7, 2013, p. 744-751.

HILL, L. **The Deacons for Defense**: Armed Resistance and the Civil Rights Movement. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2004.

JACKSON, G. **Blood in My Eye**. Baltimore, MD: Black Classics Press, 1990.

KING, M.L. **A Testament of Hope**: The Essential Writings and Speeches of Martin Luther King, Jr. San Francisco, CA: Harper, 1991.

KWAN, M.P. and Schwanen T. Quantitative Revolution 2: the critical (re)turn. In: **The Professional Geographer,** 61, n. 3, 2009, p. 283-291.

LEEUW, S.D. and HUNT, S. Unsettling decolonizing geographies. In: **Geography Compass,** 12, n. 7, 2018, p. 12.376.

LIVINGSTONE, D. **The Geographical Tradition**: Episodes in the History of a Contested Enterprise. Oxford: Blackwell, 1993.

MARABLE, M. **How Capitalism Underdeveloped Black America**: Problems in Race, Political Economy, and Society. Chicago, IL: Haymarket Books, 2015.

MASSEY, D. **Spatial Divisions of Labor**: Social Structures and the Geography of Production. New York, NY: Routledge, 1995.

MCCUTCHEON, P. Fannie Lou Hamer's freedom farms and black agrarian geographies. In **Antipode,** 51, n. 1, 2019, p. 207-224.

MCKITTRICK, K. **Demonic Grounds**: Black Women and the Cartographies of Struggle. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2006.

MCKITTRICK, K. On plantations, prisons, and a black sense of place. In: **Social & Cultural Geography,** 12(8), 2011, p. 947-963.

MCKITTRICK, K. Plantation futures. In: **Small Axe**: A Caribbean Journal of Criticism, 17, n. 3, 2013, p. 1-15.

MCKITTRICK, K. Mathematics black life. In: **The Black Scholar,** 44, n. 2, 2014, p. 16-28. 17

MCKITTRICK, K. Diachronic loops/deadweight tonnage/bad made measure. In: **Cultural Geographies,** 23, n. 1, 2015, p. 3-18.

MCKITTRICK, K. Rebellion/invention/groove. In: **Small Axe**: A Caribbean Journal of Criticism, 20, n. 1, 2016, p. 79-91.

MCKITTRICK, K. Commentary: worn out. In: **Southeastern Geographer,** 57, n. 1, 2017, p. 96-100.

MCKITTRICK, K. Living just enough for the city/volume VI/black methodology. **Keynote presented at the Feminist Exploration of Urban Futures International Conference**, York University, 28 September. Acesso em: 18 mar. 2020. Disponível em: https://youtu.be/T8UVkub6u3k.2019

MCKITTRICK, K. and WOODS, C. No one knows the mysteries at the bottom of the ocean. In: McKittrick K. and Woods C. (eds) **Black Geographies and the Politics of Place**. Cambridge, MA: South End Press, 2007, p. 1-13.

MECHÉ, B. Memories of an imperial city: race, gender, and Birmingham, Alabama. In: **Antipode,** 52, n. 2, 2020, p. 475-495.

MEYER, D. **Spatial Variation of Black Urban House – holds**. Research Paper 129. Chicago, IL: University of Chicago, 1970.

MOLLETT, S. Racial narratives: Miskito and Colono land struggles in the Honduran Mosquitia. In: **Cultural Geographies,** 18, n.1, 2011, p. 43-62.

MORGAN, J. Accounting for 'the most excruciating torment': gender, slavery, and trans-Atlantic passages. In: **History of the Present,** 6, n. 2, 2016, p. 184-207.

MORRILL, R. and DONALDSON, O. Geographical perspectives on the history of Black America. In: **Economic Geography,** 48, n. 1, 1972, p. 1-23.

MOYNIHAN, D. **The Moynihan Report**: The Negro Family–The Case for National Action. New York, NY: Cosimo Reports, 1965.

NEWTON, H. **Revolutionary Suicide**. New York, NY: Penguin Books, 2009.

PULIDO, L. Reflections on a white discipline. In: **The Professional Geographer,** 54, n. 1, 2002, p. 42-49.

PULIDO, L. Flint, environmental racism, and racial capitalism. In: **Capitalism Nature Socialism,** 27, n. 3, 2016, p. 1-16.

PULIDO, L. Geographies of race and ethnicity III: settler colonialism and nonnative people of color. In: **Progress in Human Geography,** 42, n. 2, 2018, p. 309-318.

ROBINSON, C. **Black Marxism**: The Making of the Black Radical Tradition. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2000.

ROBINSON, C. and MORSE, C. Capitalism, Marxism, and the black radical tradition: an interview with Cedric Robinson. In: **Perspectives on Anarchist Theory,** 3, n. 1, 1999, p. 1-8.

RODNEY, W. **A History of the Guyanese Working People**, 1881-1905. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 1981.

RODNEY, W. **How Europe Underdeveloped Africa**. Baltimore, MD: Black Classic Press, 2011.

ROSE, H. Social Processes in the City: Race and Urban Residential Choice (Resource Paper n. 6), **Commission on College Geography**. Washington, DC: Association of American Geographers, 1969, p. 1-34.

ROSE, H. The development of an urban subsystem: the case of the negro ghetto. In: **Annals of the Association of American Geographers,** 60, n. 1, 1970, p. 1-17.

ROSE, H. **The Black Ghetto**; A Spatial Behavioral Perspective. New York, NY: McGraw-Hill, 1971.

ROSE, H. The geography of despair. In: **Annals of the Association of American Geographers,** 68, n. 4, 1978, p. 453-464.

SEALE, B. **Seize the Time**: The Story of the Black Panther Party and Huey P. Newton. Baltimore, MD: Black Classic Press, 1991.

SMITH, N. **Uneven Developmen**t: Nature, Capital, and the Production of Space. Athens, GA: University of Georgia Press, 2008.

The Detroit Geographical Expedition and Institute FieldNotes. Detroit Geographical Expedition and Institute, 1969.

The Detroit Geographical Expedition and Institute Field Notes. Detroit Geographical Expedition and Institute, 1970.

The Detroit Geographical Expedition and Institute Field Notes. Detroit Geographical Expedition and Institute, 1971.

THOMPSON, J. RAPHAEL, L. CANNON, S, *et al.* **A very stern discipline**: an interview with Ralph Ellison. Harper's Magazine, 1967, p. 76-95.

TURE, K. and HAMILTON, C. **Black Power**: The Politics of Liberation in America. New York, NY: Vintage Books, 1992.

UMOJA, AO. **We Will Shoot Back**: Armed Resistance in the Mississippi Freedom Movement. New York, NY: New York University Press, 2013.

VASUDEVAN, P. An intimate inventory of race and waste. In: **Antipode**. DOI: 10.1111/anti.12501.2019

WHEELER, J. Assessing the role of spatial analysis in urban geography in the 1960s. **Urban Geography,** 22, n. 6, 2001, p. 549-558.

WILLIAMS, B. 'That we may live': pesticides, plantations, and environmental racism in the United States South. In: **Environment and Planning**, 2018, p. 243-267.

WILLIAMS, E. **Capitalism & Slavery**. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1994.

WILSON, B. Black housing opportunities in Birmingham, Alabama. In: **Southeastern Geographer**, 1977, 17, n. 1, p. 49-57.

WILSON, B. Racial segregation trends in Birmingham, Alabama. In: **Southeastern Geographer,** 25, n. 1, 1985, p. 30-43.

WILSON, B. Birmingham segregation: Is it a product of black-white socioeconomic differences? In: **Southeastern Geographer,** 29, n. 2, 1989, p. 92-105.

WILSON, B. Structural imperatives behind racial change in Birmingham, Alabama. In: **Antipode,** 24, n. 3, p. 171-202.19921992

WILSON, B. From antebellum to Fordism: the role of the south and local regimes in US capitalist development. In: **Southeastern Geographer,** 35, n.1, 1995, p. 75-95.

WILSON, B. **America's Johannesburg**: Industrialization and Racial Transformation in Birmingham. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2000a.

WILSON, B. **Race and Place in Birmingham**: The Civil Rights and Neighborhood Movements. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2000b.

WILSON, B. Critically understanding race-connected practices: a reading of W. E. B. Du Bois and Richard Wright. In: **The Professional Geographer,** 54, n. 1, 2002, p. 31-41.

WILSON, B. Social justice and neoliberal discourse. In: **Southeastern Geographer,** 47, n. 1, 2007, p. 97-100.

WINSTON, C. **'How to Lose the Hounds'**: Tracing the Relevance of Marronage for Contemporary Anti-Police Struggles. Dissertation, New York, NY: City University of New York, 2019.

WOODS, C. **Development Arrested**: The Blues and Plantation Power in the Mississippi Delta. New York, NY: Verso, 1998.

WOODS, C. **Development Drowned and Reborn**: The Blues and Bourbon Restorations in Post-Katrina New Orleans. Athens, GA: University of Georgia Press, 2017.

WRIGHT, W.J As above, so below: anti-black violence as environmental racism. In: **Antipode**. DOI: 10.1111/anti.12425.2018

WRIGHT, W.J. The morphology of marronage. In: **Annals of the American Association of Geographers,** n. 110, 2020, p. 1.134-1.149.

YEATS, M. Yesterday as tomorrow's song: the contribution of the 1960s 'Chicago school' to urban geography. In: **Urban Geography,** 22, n. 6, 2001. p. 514-529.

SOBRE O AUTOR / TRADUTOR

ADAM BLEDSOE – É doutor em Geografia pela Universidade da Carolina do Sul e professor no Departamento de Geografia, Ambiente e Sociedade na Universidade de Minnesota (Minneapolis).

E-mail: bleds008@umn.edu.br

DIOGO MARÇAL CIRQUEIRA – Professor de Geografia no Instituto de Educação de Angra dos Reis (UFF). É bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2006) e mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA-UFG) (2010). É doutor pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (UFF) (2015) e esteve na condição de Visiting Scholar na University of Texas – Austin (2013). Obteve no de 2011 a ?beca de Estudios Culturales? concedida pelo Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLACSO) realizado na Unuversidad Autonoma de Mexico (UNAM). Atuou como professor de Geografia na Rede Municipal de Ensino de Goiânia entre os anos de 2007 e 2011 e foi um dos fundadores do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-Descendentes da Universidade Federal de Goiás (NEAAD/UFG). Atualmente compõe a equipe do programa “Escolas do Território” atuando junto as escolas quilombolas de Paraty-RJ. Vem realizando pesquisas nas áreas relacionadas a história da Geografia e do pensamento geográfico, relações raciais, movimentos sociais e educação escolar quilombola.

E-mail: diogomc@id.uff.br